

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA**

**RENAN PRUDÊNCIO**

**PARA LER A REALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CRICIÚMA**

**2012**

**RENAN PRUDÊNCIO**

**PARA LER A REALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura, no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Carlos Augusto Euzébio

**CRICIÚMA**

**2012**

**RENAN PRUDÊNCIO**

**PARA LER A REALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física Escolar.

Criciúma, 03 de Dezembro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Carlos Augusto Euzébio – UNESC - Orientador

Prof<sup>a</sup>. Vânia Vitorio - UNESC

Prof. Vidalcir Ortigara - UNESC

**Dedico este trabalho primeiramente à Deus que me permitiu estar hoje aqui, às minhas duas irmãs, que sempre foram os pilares de minha vida e bravamente sempre lutaram por esta conquista, à minha namorada que esteve junto e me apoiou em todos os momentos desta caminhada, e aos demais familiares e amigos que não deixaram de acreditar em mim.**

**RENAN PRUDÊNCIO**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que sempre se faz presente em minha vida. Em segundo lugar as minhas irmãs Rubia Prudêncio e Rúlia Prudêncio que são os meus maiores exemplos de superação e força. Sempre muito presentes em minha vida não deixaram em nenhum momento de acreditar na minha capacidade, e não me deixaram desistir.

A minha namorada Cristina Pereira Teixeira que por vezes abdicou de festividades por eu não poder estar presente devido a minha faculdade, que me apoiou em todos os momentos e decisões que tive que tomar por decorrência da faculdade. Que se manteve firme ao meu lado nos momentos mais difíceis e desagradáveis que tive de superar para que hoje estivesse aqui.

Aos meus professores que dividiram seu conhecimento para que eu pudesse me tornar uma pessoa e um profissional melhor. Em especial ao meu orientador Carlos Augusto Euzébio, que foi meu verdadeiro mestre dentro da universidade, sabendo me fazer superar as emoções e compreender as coisas de forma consistente e inteligente. Que por vezes ao me ver “perdido” abdicou seu tempo de descanso para me ouvir desabafar, me ouvir como se tivesse fundamento o que estava dizendo fazendo-me sentir capaz.

Aos meus amigos que dividiram os espaços de aula comigo, que efetivamente participaram desta conquista, em especial ao César Augusto Búrigo, Guilherme Ronconi Westrup, Marcel Nazário Pedro e Wellington Silvério Tavares, que se fazem muito presente em minha vida mesmo fora da faculdade, e aos amigos que não estudam comigo e mesmo não nos vendo todos os dias, me apoiaram e não deixaram de acreditar em mim.

Aos meus familiares que direta ou indiretamente me acreditaram e me apoiaram nesta caminhada.

**“O mundo não é, o mundo está sendo”  
Paulo Freire**

## RESUMO

A seguinte pesquisa tem como tema: A Contribuição da Educação Física da Leitura da Realidade. Verificou-se a dificuldade de educadores proporcionarem possibilidades de ampliação de conhecimento e desenvolvimento dos alunos. Partindo desta necessidade, compreender quais os elementos de leitura da realidade para uma práxis libertadora e o modo como a Educação Física pode contribuir para a leitura da realidade do aluno e permitir que o mesmo liberte-se desta realidade fatalista imposta e auto-imposta. A monografia visa o estudo de uma metodologia libertadora de ambos (alunos e professores), aprisionados à realidade fatalista e à Educação Física dos esportes institucionalizados. Com base neste estudo, conclui-se que a realidade não está afixada em locais e sim em pessoas, e por isso encontra-se em constantes confrontos e mudanças. A necessidade de se compreender o (e no) mundo se faz muito importante tanto na vida do aluno quanto na vida do professor, ambos podem estar aprisionados a um mundo fatalista e apenas vendo as “correntes” de formas diferentes. Mais que uma leitura, se faz necessária também uma aproximação e intervenção com e na realidade, a fim de almejar uma libertação “verdadeira”.

**Palavras-Chave:** Educação Física. Leitura. Realidade.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 DO CONTEXTO AO TEXTO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 LEITURA, ESPERANÇA, VONTADE E MUDANÇAS.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E LIBERDADE.....</b>	<b>22</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O cenário estabelecido na atualidade impõe uma realidade muito difícil e desmotivadora aos professores de educação física que buscam expandir o conhecimento de seus alunos para além dos esportes (e dentro destes esportes ainda prevalecem os esportes de maior apoio midiático), levando-os ao “aprisionamento pedagógico”.

Como acadêmico e estagiário pude viver esta realidade, mesmo que superficialmente, com estágios obrigatórios de apenas quarenta horas em alguns semestres deste curso. Por vezes me senti desmotivado, e deixei de acreditar nas escolas, nos professores e nos alunos. A revolta era tanta com esta realidade, que o que prevalecia dentro de mim era a não identificação com ela (a escola), vendo-me sempre fora da mesma, fora do ambiente escolar aprisionado na mesmice.

Por vezes ouvi em discussões de seminários de estágio reclamações sobre a prática pedagógica de professores de Educação Física. Argumentos de que seria muito fácil atuar de forma diferente, em alguns casos eu concordei. Aos alunos também foram agregados diversos adjetivos quanto ao seu comportamento e aprendizagem, e em alguns adjetivos eu também concordei.

Quando tive a oportunidade de permanecer um período maior dentro da escola em posição que não era a de regência, pude acompanhá-los, professor e aluno, de forma diferente mudando assim a minha compreensão de escola. Deparei-me com coisas que vão além de erros profissionais, como também dificuldades emocionais que os levaram a continuar nestes “erros”. Nesta síntese pude encontrar e refletir sobre os meus erros de observação e leitura.

Senti então a necessidade de um melhoramento nesta leitura da realidade a fim de crescer com essas dificuldades e neste sentido tentar crescer tanto pessoal como profissionalmente.

Diante do problema: Quais os elementos de leitura da realidade para uma práxis libertadora? Busquei respostas e apoio nas palavras de Paulo Freire com uma pesquisa bibliográfica denominada “Para Ler a realidade: A Contribuição da Educação Física”. Freire tem muito claro em sua bibliografia o diálogo e a palavra como práxis libertadora, sendo o diálogo importante tanto com as pessoas quanto com nossa a vida em nossa leitura da realidade.

Este trabalho tem como objetivos: Refletir sobre a realidade escolar; buscar alguns esclarecimentos na relação professor-aluno e uma alternativa de mudança da Educação Física institucionalizada, que tem sua hegemonia estabelecida nas escolas brasileiras.

Como educador, o professor tem além de sonhos, compromissos com os alunos. Esta realidade injusta e prejudicial os envolve e os aprisiona também ao mundo dos esportes institucionalizados e das “fatalidades” da vida a qual acreditam ter um futuro pré-determinado.

Esta é uma pesquisa bibliográfica qualitativa, que por opção teve-se a poucos exemplares e não se distanciou de Paulo Freire por procurar possibilidades para a Educação Física além dos Esportes normatizados na perspectiva de uma educação plena e emancipadora por intermédio da leitura da realidade.

Optou-se por esta pesquisa e por Paulo Freire por visar o aprimoramento da compreensão das relações e manifestações humanas no contexto escolar.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004, P. 22)

Freire, em “Pedagogia do Oprimido,” diz que não existe liberdade sem conquista, a liberdade imposta é opressora, portanto, não se pode libertar os homens sem os mesmos. Os homens são seres históricos e história está constantemente sendo escrita. Para que os professores libertem-se e libertem seus alunos, precisam efetivamente dos mesmos para libertá-los também.

No decorrer deste trabalho, buscaremos o melhor caminho a seguir no ambiente escolar para que professor e aluno completem-se.

No primeiro momento dialogamos com o a realidade escolar junto a reflexões de assuntos referentes às relações humanas como leitura de mundo e a importância de compreender-se como ser participativo do mesmo. A vontade citada por Freire como o combustível necessário aos homens, a esperança de um amanhã melhor capaz de “incendiar” esta vontade que nos move e assim promover mudanças.

No segundo momento têm-se uma reflexão também fundamentada em Freire sobre o conceito de família, sendo que não se pode falar em escola sem abordar a

comunidade escolar e o conceito que a mesma tem de escola. Finalizando com estudos e reflexões referentes à libertação da Educação Física institucionalizada por meio de uma prática efetivamente emancipadora.

## 2 DO CONTEXTO AO TEXTO

No decorrer deste curso por vezes eu fiz constatações equivocadas do ambiente escolar quando realizava os estágios obrigatórios. Por vezes discordei de constatações apresentadas nos seminários.

Ao permanecer em um ambiente escolar por um período maior que o do estágio obrigatório, realizei muitos questionamentos a respeito da atuação dos professores de Educação Física, comportamento dos alunos e decisões da gestão que somente a prática não conseguiria me responder. Senti que sozinho não conseguiria compreendê-los, mas Paulo Freire poderia me ajudar considerando a importância do diálogo em sua obra e a sua oposição a educação que o mesmo intitulou de “bancária”, que desconsidera os saberes dos educandos.

Este estudo se mantém o mais próximo possível de Freire dialogando e refletindo entre relações humanas, contexto escolar e procura o debate com Elenor Kunz para uma Educação Física dialógica.

### 2. 1 LEITURA, ESPERANÇA, VONTADE E MUDANÇAS

Freire valoriza o diálogo, tem palavras de motivação, trabalhou não só por mudanças materiais, mas pela ampliação da vontade de mudar das pessoas. Não tentou mudá-los, mas sim incentivá-los a quererem mudanças. Impulsionou a educação, e sempre quando falava da mesma a tratava enquanto plena. Referia-se à educação como formação ou transformação e evolução de um ser pensante, crítico e cidadão, alguém íntegro, “cheio”.

A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação. (FREIRE, 2000, p. 20)

Freire afirma, em “Pedagogia da Indignação – Cartas Pedagógicas,” que o discurso da impossibilidade de mudar o mundo é de quem aceitou a acomodação

inclusive por lucrar com ela. Para quem não possui a resistência de encarar a luta por mudanças que muitas vezes é desigual em favor da justiça e da ética, é mais fácil assumir a fraqueza de acomodar-se. Mas há diferença entre quem assume a acomodação por estar desesperançado de tal maneira submetido à asfixia da necessidade, já sem forças para encarar a aventura de liberdade e lutar por ela, e de quem obstaculiza a mudança tornando-a instrumento de luta. O primeiro é o oprimido sem horizonte; o segundo, o opressor impenitente. “Esta é uma das razões que o alfabetizador progressista não pode contentar-se com o ensino da leitura e da escrita que dê as costas desdenhosamente à leitura de mundo”. (FREIRE, 2000, p. 21) É preciso compreender o mundo para compreender-se dentro dele.

Para Freire (2000), quando se fala em educação principalmente a escolar, não podemos nos deixar dominar pelo pragmatismo neoliberal que reduz a prática educativa ao treinamento e não à formação. Deve-se ir além dos conteúdos docentes. A técnica é sim muito importante, mas não é algo a ser almejado nem um ponto de chegada, é um dos elementos que constitui a educação, pois se trata da formação ou transformação do ser inserido e participativo no mundo e na sociedade, tais assuntos devem compor sua pauta e estar em sua reflexão.

[...] É por isso que o educador progressista, capaz e sério, não apenas deve ensinar muito bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica em que é uma presença. É por isso que, ao ensinar com seriedade e rigor sua disciplina, o educador progressista, não pode acomodar-se, desistente da luta, vencido pelo discurso fatalista que aponta como única saída histórica hoje a aceitação, tida como expressão da mente moderna e não “caipira” do que aí está porque o que está aí é o que deve estar. (FREIRE, 2000, p. 22)

Freire (2000) traz em suas palavras os sentimentos que nos movem, principalmente a vontade, considerando que ela é o combustível para todas as nossas ações, que nos impulsiona para frente. Não basta só rebelar-se contra algo, é necessário ter vontade de mudar. Assim como os dependentes químicos não precisam apenas ter conhecimento dos malefícios que as drogas podem trazer, necessitam ter vontade de se libertar e para que isso ocorra é necessário um amanhã em suas vidas. A vontade de mudar surge quando a pessoa consegue vislumbrar coisas boas para um futuro próximo, com isso desperta em si o sentimento de esperança que é a alavanca para a mudança em sua vida.

Com a vontade enfraquecida, a resistência frágil, a identidade posta em dúvida, a auto-estima esfarrapada, não se pode lutar. Desta forma, não se luta contra a exploração das classes dominantes como não se luta contra o poder do álcool, do fumo ou da maconha. Como não se pode lutar, por faltar coragem, vontade, rebeldia, se não se tem amanhã, se não se tem esperança. Falta amanhã aos “esfarrapados do mundo” como falta amanhã aos subjugados pelas drogas. (FREIRE, 2000, p. 23)

Sem vontade não há mudanças, então devemos sempre fiscalizar nossa vontade e esperança. As palavras tornam-se mais fortes quando estão “impressas” em nossas ações. Quando queremos mudanças em nossos alunos, queremos que eles evoluam ao ponto de tornarem-se capazes de também promoverem mudanças. Antes disso é preciso fazer com que eles queiram mudanças, então deve estar claro que primeiro queremos que eles tenham vontade de mudar. Para que eles tenham vontade de mudar, é preciso que eles reconheçam sua realidade e a compreendam por um olhar seu não pelo que lhes é apresentado, para ai sim na esperança de melhora, “rebelar-se” contra ela e ter vontade de mudá-la.

Por isso é que toda prática educativa libertadora, valorizando o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha; o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites; a importância da consciência na história, o sentido ético da presença humana no mundo, a compreensão da história como possibilidade jamais como determinação, é substantivamente esperançosa e, por isso mesmo, provoca esperança. (FREIRE, 2000, p. 23)

Para Freire (2008), como a leitura de mundo precede a leitura da palavra, a mesma não pode prescindir da continuidade da leitura daquele. Como linguagem e realidade se prendem dinamicamente, a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.

O mesmo ao escrever “A Importância do Ato de Ler” remeteu-se de forma imprescindível a sua infância, adolescência e mocidade onde se constituía a importância do ato de ler tendo em sua primeira fase a leitura de mundo.

[...]Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo da minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos, as “palavras” as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, 2008, p.12)

Não há como falar em leitura de mundo sem retornarmos à nossa infância.

Pouco Tempo atrás quando se tinha estradas de terra, com baixa circulação de veículos, eu também brincava nas ruas com os meus amigos e quando necessário dávamos espaço para os veículos passarem. Só voltávamos para a casa quando a noite chegava, dependendo de que ponto a brincadeira estivesse era necessária a insistência por parte dos pais.

O que consideramos desenvolvimento e evolução encheu as ruas de veículos e modificou o chão que brincávamos. Sem preocupação nenhuma com que estávamos fazendo, se faltava muito ou pouco para que a “brincadeira” terminasse, nos mandou para a casa e não nos disse quando poderíamos sair. Então me pergunto para o que evoluímos? Prefiro ter a sensação de que não nos acostumamos, que não esquecemos o quão bom é brincar na rua, quantas coisas ainda temos para contar aos vizinhos. Prefiro acreditar que ainda estamos com os olhos fixos na porta, andando de um lado para o outro, loucos para sair. Quanto tempo iremos esperar? Será que ainda não percebemos que já amanheceu? “No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar” (FREIRE, 2000, p. 79)

O homem se adaptava ao que era possível fazer, mas não deixava de ter vontade por não poder fazer. Buscava seu espaço, tinha suas realizações adaptadas, mas não se adaptava a não conseguir realizá-las.

A partir do momento que o aluno realiza a sua leitura, lhe é permitido constatar. [...] “Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente nos adaptar a ela”. [...] (FREIRE, 2006, p. 80)

Como educador Freire (2006) diz que precisamos ir compreendendo cada vez melhor a leitura de mundo que os grupos populares com que trabalhamos fazem do seu contexto atual, e a pergunta mais ampla: o que os levou até ali?.

Em nossas relações “político-pedagógicas” com eles não podemos desconsiderar seu saber empírico, as suas vivências. Sua explicação do mundo o qual faz parte e a compreensão de sua própria presença no mundo. Isto está explicitado ou escondido no que chama de “leitura de mundo”, que precede sempre a “leitura da palavra”.

[...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo mas por uma

certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2008, p.20)

Freire (2000) aponta a “vontade” como combustível de mudanças. A partir do momento que o professor tem vontade de promover algo a favor de seus alunos, já é sinal que ocorreu uma mudança em si, ele tinha uma concepção sobre os alunos, sobre a escola, mas ao estar lá pode perceber uma realidade diferente de seu pensamento e sentiu vontade de fazer algo por eles, algo que considerou próprio para promover uma mudança naquela realidade que agora é sua.

Mas se a mudança que se pretende é para eles, é preciso primeiro permitir que eles também tenham vontade de mudar. O professor fez a sua leitura da realidade, mas os alunos também se encontram nesta realidade, tal leitura o fez querer mudanças, então para que eles queiram, o professor deve permitir que também “leiam” a sua realidade, se percebam imersos nela e descubram o que querem dali por diante. A liberdade imposta não é libertadora. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. (FREIRE, 1996, p. 35)

É preciso trabalhar de baixo para cima e de dentro da escola para o resto do mundo. Antes de lhes trazer conteúdos a serem trabalhados se deve trabalhá-los (os alunos), ou seja, permitir que os mesmos descubram-se como seres inseridos no mundo, históricos e que queiram participar deste mundo. Antes do novo deve-se esgotar tudo o que há em seu presente, o que eu sou? O que eu fiz? O que eu faço? O que posso fazer? Por que fazer?

Antes de almejar novos assuntos deve-se escutar e compreender o que eles têm de conhecimento, o que querem e o que podem dentro de sua realidade.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos "conhecimentos de experiência feitos" com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p. 37: 38)

Por vezes chega-se a uma escola e encontram-se problemas que só existem para aquela pessoa que os identificou. Talvez os alunos da instituição estejam tão acostumados com tais situações que isso não seja um problema para eles, mas é um problema do mundo, da sociedade, portanto, compreende-se que deva ser

também para eles e é isso que se pretende que o aluno se compreenda como ser participativo deste mundo.

Antes de dizer-lhes que há algo de errado, ou, que há problemas devemos permitir aos mesmos que se encontrem e se identifiquem primeiramente dentro de tais situações e posteriormente que percebam e encontrem o tal problema, aí sim as mudanças farão sentido. Neste tempo de espera que ao mesmo tempo é de que fazer, o professor liberta-se do pensamento mesquinho da imposição da verdade e o aluno de sua visão estreita de mundo.

Percebendo-se dentro desta realidade serão problemas levantados pelos alunos então é possível que eles encontrem a solução. Deve-se compreender os problemas levantados pelos alunos como indicadores do que devemos prestar atenção. Os olhos do educador devem ser dialeticamente condutores e conduzidos às questões relevantes para o desenvolvimento dos alunos. O educador tratando apenas de suas questões estaria tratando de seu desenvolvimento: Eu fiz, eu modifiquei, foi o que eu quis e não o que os alunos encontraram na sua leitura da realidade, essa leitura não fora feita em comunhão então as transformações não serão libertadoras.

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. [...] (FREIRE, 1996, p. 38)

Em uma das aulas da disciplina de estágio obrigatório foi travado diálogo mediado pelo professor em que fizemos a análise de uma turma de determinada escola em que a maioria dos alunos representava a escola em competições esportivas na modalidade de futebol. Os pais desses alunos eram ex-jogadores de futebol e que ainda praticavam aos fins de semana e levavam seus filhos para a prática do esporte.

Como se pode ver o futebol está fortemente inserido nesta turma. Como educador, o professor deve sempre procurar permitir que os alunos ampliem seu conhecimento e parece consequente e necessário avançar em conteúdos diferentes do esporte e especificamente o futebol. Refletiu-se (em nosso debate na disciplina de estágio), no entanto, que para que a turma apresentasse um desenvolvimento no

pensamento crítico, seria preciso primeiro trabalhar o conteúdo futebol, para que se percebessem estagnados no assunto.

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos, se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar com estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. [...] (FREIRE,1996, p. 42)

Fazendo esta leitura de realidade e reconhecendo esta necessidade de ir adiante, se têm um avanço na maneira de como os alunos leem a própria realidade, fora isso se avançaria no conteúdo pedagógico, mas não no conteúdo dos alunos. Seria uma evolução do professor e não dos alunos, foi algo que o professor disse que precisavam saber e fazer, não que eles sentiram necessidade, ou interesse, ou seja, seria a percepção de realidade do professor e não a dos alunos.

[...] Para ensinar os esportes aos alunos deve-se observar, pelo menos: as experiências anteriores dos alunos nas modalidades que se pretende ensinar, as influências e as expectativas do esporte normatizado e clubístico, as condições locais e materiais da escola para o ensino da modalidade e, ainda, a própria organização do ensino e da escola. Na forma prática o esporte passa por uma “análise de sentido” num trabalho conjunto entre professor e aluno. (KUNZ, 2006, p.18: 19)

Não adianta promover debates e reflexões de cunho social, sem que os alunos tenham interesse sobre isso, sintam vontade em falar nisso. Mais do que isso, respeitar a maneira que os mesmos lidam com este assunto, e o quanto eles conseguem avançar neste assunto. Antes de promover grandes reflexões em seus pensamentos, devem respeitar as condições dos alunos, mesmo que por hora seja de ignorância (no sentido de ignorar).

Tais problemas sociais estão de fato em suas vidas, mas não em seus assuntos, talvez os alunos nem mesmo tragam consigo pensamentos sobre isto, por que não lhes foi permitido compreender-se dentro desta realidade. Primeiro é necessário que eles façam a leitura de suas realidades, encontrem sua posição e função em meio a ela, para que possam ver que a realidade não é, mas está sendo.

O professor precisa fazer a sua investigação e síntese da realidade dos alunos, mas a reflexão do professor não pode vir a frente da dos alunos, sua reflexão é o combustível para acreditar nos alunos e ter vontade de promover

mudanças em sua realidade, mas sua prática só será libertadora se a reflexão e vontade de mudar for em comunhão com os alunos.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, por que indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2002, p.32)

Quando se almeja o desenvolvimento dos alunos deve-se perceber que é necessário ouvi-los, estudá-los e compreende-los. O professor deve mostrar-lhes os caminhos possíveis os ajudando a ampliar sua “visão” de mundo, mas não pode esquecer que a realidade a ser modificada é a dos alunos, que nem sempre é a do professor. É preciso que os alunos libertem-se e precisam contar com o auxílio do professor, mas não trazendo a liberdade e sim possibilitando que eles a alcancem.

Se tratando de relação professor-aluno nas discussões sociais que o texto aborda, faz-se necessário uma reflexão sobre a posição em que os alunos se colocam dentro destas questões. O educador não precisa saber isso, basta permitir que o aluno faça a leitura de sua realidade e ele irá lhe dizer se sentir que verdadeiramente o professor se importa com isso.

Além dos conflitos internos da idade, os alunos das séries finais do ensino fundamental trazem consigo um elevado grau de estresse. Estresse esse que na maioria dos casos vem de conflitos familiares, ou com os seus pais, ou entre seus pais.

Freire em seu livro “Pedagogia da Indignação – Cartas Pedagógicas” (2000) expõe, seu incomodo diante de tiranias familiares. Famílias que vivem a tirania da liberdade, na qual seus filhos são livres em seus atos, mas não respondem por eles agindo sem controle e sem responsabilidades. Seus atos são inconscientes, não tem “peso”, sentido, ou significado, são atos de quem foi criado inconscientemente.

Freire (2000) também disserta sobre as famílias que vivem sob a tirania da autoridade, na qual os filhos praticamente nada podem. Naturalmente os atos de tal criança que cresça em meio a esta tirania serão bem mais controlados que os da criança anteriormente citada, até mesmo porque por vezes serão tão reduzidos ao ponto de não existirem. “[...] Crianças caladas, cabisbaixas, “bem comportadas”, submissas nada podem”. (FREIRE, 2000, p. 18). Maravilhosa aos olhos da sociedade.

Por mais que pareçam duas extremidades, tais tiranias andam pelo mesmo caminho, apenas com “calçados” diferentes. Ambas seguem pelo caminho da inconsciência de seus atos. A licenciada não emprega responsabilidades sobre seus atos, e os errados não são corrigidos, “[...] as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face da autoridade complacente dos pais que se pensam, ainda, campeões da liberdade”. (FREIRE, 1997, p. 18), e na autoritária seus limites foram impostos, ou seja, ela sabe o que não se pode fazer, mas não sabe a importância destes atos, tornando-se também inconscientes, sendo que seus atos estarão referenciados em seus pais, em como vão reagir.

Seu pensamento a respeito de seus atos não está nas implicações que podem causar no mundo em que vive, ou para si. Seus atos são resultado do medo que sentem da reação de seus pais. No medo não há espaço para reflexão, sendo ele uma emoção, um sentimento. Suas ações não são conscientes, são instintivas, no instinto de sobrevivência em que a criança não age e não fala para não ser repreendida ou castigada por seus pais.

Ao longo do tempo, tais desinteresses ou distrações dos pais de um lado e opressão de outro vão desenvolvendo sistemas defensivos às responsabilidades que a própria vida impõe às crianças e que seus pais não lhes prepararam ou não lhes permitiram prepararem-se para enfrentar e até mesmo crescer com elas.

Mesmo Freire tendo escrito estas palavras na década de noventa, nos dias de hoje é comum nos depararmos com tais conflitos e dificuldades familiares. Tendo espaço ainda para algumas peculiaridades, como a crescente agressividade dos filhos com relação aos pais e educadores.

O ritmo de vida acelerou muito de lá pra cá e os formatos de família também mudaram, as prioridades dos pais que no intuito de ganhar dinheiro e sobreviver dentro do capitalismo mudaram também, ficando a educação e valores morais distante do primeiro lugar.

Quando o capitalismo entrou em cena, houve uma profunda mudança nessa ideia de formação humana. Na verdade, houve até uma inversão entre trabalho e formação cultural. O trabalho passou a ser privilegiado como atividade principal. Não, porém, o trabalho como uma atividade criativa, explicadora das potencialidades humanas, mas o trabalho como simples meio de produzir mercadorias e, especialmente, a mercadoria das mercadorias, que é o dinheiro. (TONET, 2006, p.02)

O que se espera tanto por parte dos pais quanto dos professores, é que a escola proporcione aos alunos aprenderem a refletir sobre suas relações e interações com o mundo, nele se compreender e dele participar. Infelizmente, isso não ocorre nem em comunhão entre pais e professores e nem entre os próprios professores. A presença dos pais como imagem de família diminuiu muito em casa e certos valores não têm vindo de casa, os alunos vêm para a escola sem saber a importância dos mesmos. A primeira saída encontrada pelos professores é de “frear” estes alunos e buscar um modelo a inseri-los.

Ainda nos conformes mais básicos e rudimentares percebidos pela maioria esmagadora da população brasileira (e provavelmente mundial também), o objetivo da educação pode ser sintetizado na capacitação de crianças e jovens em conhecimentos fundamentais para a sua sobrevivência e inserção nos contextos em que vivem, como a aprendizagem dos cálculos matemáticos, da linguagem dominante no país (escrita, leitura e fala) e, eventualmente, de alguns outros “conteúdos”, não tão essenciais, mas que podem fazer pequenas diferenças para os estudantes que melhor se apropriarem dos mesmos, como as ciências naturais, a história, a geografia ou as línguas estrangeiras. (MACHADO, 2012)

A escola está sobrecarregada, é aceitável este tom de desespero, mas a repressão funcionou a muito tempo atrás quando tinha-se alunos submissos, tanto em casa quanto na escola. Este modelo arcaico não se encaixa mais nos parâmetros atuais de aluno, a proibição gera automaticamente uma postura de libertação e se não estiver bem orientado, não tiver consciência, não souber medir suas palavras e suas ações, teremos cada vez mais alunos ditos como “rebeldes”.

As escolas e a educação, num sentido mais amplo, dentro de suas prerrogativas e estruturas funcionais tradicionais praticamente desprezam os conhecimentos e saberes provenientes dos estudantes, condenando-os a participar de forma passiva, como meros receptáculos de informações previamente selecionadas (Por quem? Para quê?). Depois ficamos a nos questionar os motivos que levam os estudantes a perder a paciência nas salas de aula e a demonstrar isso com atos de indisciplina. (MACHADO, 2012)

Rebelde é quem se opõe a autoridade constituída, então se há rebeldia é porque há opressão, e na escola o que está sendo feito? Ensinando o aluno a ver a realidade, o preparando para compreendê-la ou oprimindo-o? Se não lhes é proporcionado a leitura e reflexão de sua realidade, de seus atos, suas ideias, suas palavras em casa, o que irá restar para ele se a escola não lhe permitir?

Se a educação não respeita e valoriza os estudantes, dando a eles o papel de protagonistas (juntamente com os educadores) no processo de construção de seu próprio conhecimento, rumo a uma sonhada e necessária autonomia que lhes permita atuar de forma consciente e transformadora nas realidades em que vivem, como eles poderiam simplesmente se conformar e continuar ali sentados, pasmos, a observar as peripécias e malabarismos de seus mestres? (MACHADO, 2012)

Neste ponto a relação professor-aluno pode fazer a diferença. Os alunos chegam às escolas “livres”, no entanto essa liberdade não vem agregada de responsabilidades, e ao se deparar com a simples imposição de limites se não vierem junto a uma conscientização por parte da sua importância, tais limites chegarão ao aluno em tom de opressão.

Se pudesse reduzir essa reflexão a algumas poucas palavras em que apresentasse minha concepção de educação diria que o mundo só pode pensar em ser mais justo, digno, fraterno e próspero se todos os países se empenharem em tornar a educação um real, efetivo e verdadeiro instrumento de emancipação individual, onde todos realmente aprendam a ler o mundo, se posicionar, participar de forma ativa, sem preconceitos, com inclusão e, acima de tudo, com ética e dignidade. (MACHADO, 2012)

FREIRE (2006) em seu livro “Pedagogia do Oprimido” traz “detalhes” importantes para libertação dos oprimidos nos lembrando de que o homem é um ser histórico e por isso faz história. Quando se tem libertação, não se tem dono da verdade, a liberdade é algo comum e mútuo aos homens devendo esta ser conquistada e não concedida.

Para FREIRE (2006) não há educação sem palavra, e não há palavra verdadeira sem práxis. Para se libertar e libertar os homens é preciso amar aos homens e ter fé nos homens. Para que a libertação seja plena é preciso que haja entre os homens diálogo, e para que ele seja verdadeiramente eficaz precisa-se de uma relação horizontal entre liderança e oprimido, prevalecendo a humildade e não a autoconfiança e transferência de conhecimento, ou ideais.

## **2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E LIBERDADE**

A educação física pode e deve ir além da “libertação” do aluno da sala de aula. No entanto, mesmo em um espaço extremamente aberto, que além de espaço para a locomoção dos alunos, lhes permita libertarem suas mentes, estabelecerem

um nível diferenciado de concentração sem um “objeto referência”, como um livro, caderno, o quadro de sua sala de aula.

Um lugar que lhes permite concentrarem-se em si mesmos, em suas ações, manifestações, suas intenções e emoções. Mesmo em um lugar assim podemos encontrar alunos “presos”. Se o espaço é aberto e amplo por onde estariam presos? Por suas mentes.

Nem em um deserto estariam livres se suas mentes continuarem presas. Presas pelo habitual, pela rotina, pelo que lhes foi introduzido, pelo fatalismo. A aula de Educação Física deve ser mais que uma vivência, uma exploração.

Por que quando estão em aulas de Educação Física os alunos brigam em alguma atividade se no recreio brincam todos juntos sem problemas? Por que os mesmos alunos que realizam uma atividade em grupo, ou em dupla na sala de aula não jogam juntos na aula de Educação Física? Por que quando debatem sobre alguma atividade têm claro o que é coletivo e quando vão jogar querem jogar sozinhos? Por que nunca se confrontaram com isso?

Talvez seja por que neste espaço não lhes foi permitido pensar sobre, pensar e por em prática seu pensamento, materializá-lo, analisá-lo, melhorá-lo, corrigí-lo. Em uma aula de estágio refletimos que se consegue o raciocínio dos alunos quando os tratamos como seres pensantes. Na vivência escolar isso tem muito sentido, nos traz também a reflexão, o “feedback” sobre o que somos e o que queremos formar.

O ambiente escolar, neste caso abordando docentes e estruturas, dividem e limitam o pensamento do aluno, em sala de aula, no recreio e na aula de Educação Física. Os alunos não estudam o conhecimento necessário ao nem sobre o mundo, estudam as disciplinas escolares.

Daí a dificuldade de compreenderem o mundo a sua volta, a realidade, compreendem a codificação e união das letras (conteúdos didáticos) antes de compreenderem a responsabilidade, a função e o poder da palavra, por exemplo, que seria a sua ação/participação junto ao mundo. “É apreendendo a razão de ser do objeto que eu produzo o conhecimento dele”. (FREIRE, 2000, p. 41)

Kunz (2001) afirma que a Educação Física escolar parece ter a obrigação de copiar o desporto de competição dos clubes esportivos caracterizando-se assim pelo treinamento e pela competição. É certo que a Educação Física escolar tem suas diferenças quanto aos clubes, mesmo por que na escola os professores ficam condicionados ao planejamento escolar, mas o que de fato traz essa proximidade é

que ambos se orientam pelos mesmos princípios e regras básicas do sistema esportivo universal.

Maraun (apud KUNZ, 2001) resume estas regras em duas: a “regra da sobrepujança” e a “regra das comparações objetivas”. Kunz (2001) interpreta o princípio da sobrepujança como a redução dos esportes a ideia de vencer constantemente e sobrepujar e adversário. O princípio de comparações objetivas com o objetivo de proporcionar chances iguais a todos nas disputas esportivas direciona a padronização do espaço, locais de disputa, o desenvolvimento de normas e regras universais para o esporte, etc.

Maraun (apud KUNZ, 2001) ainda coloca como consequência destes princípios esportivos um natural desenvolvimento de mecanismos que o mesmo preferiu chamar de Tendências. A tendência do Selecionamento, da Especialização e da Instrumentalização.

Kunz (2001) interpretou tais tendências da forma a seguir.

*Tendência do selecionamento:* em geral, os alunos são, de forma consciente ou inconsciente, selecionados, classificados pelas suas habilidades/inabilidades esportivas. [...] O jovem é, desta forma, sempre privilegiado pelo sistema esportivo e conseqüentemente pelo sistema social.(p.110:111)

*Tendência da Especialização:* [...] do aluno é esperada uma boa técnica esportiva, um alto grau de rendimento esportivo [...]. [...] o sistema esportivo utiliza-se de normas e regras para disciplinar e controlar toda e qualquer prática esportiva. Quem dele quiser participar, como atleta ou como praticante do tempo livre, deve adaptar/especializar-se nestas normas e regras. (p. 111)

*Tendência da Instrumentalização:* [...] As modernas teorias do treinamento esportivo, juntamente com a medicina dos esportes, desenvolveram um enorme complexo de medidas para conseguirem sucessivos acréscimos da performance esportiva. A base da formação profissional do professor de Educação Física no Brasil ainda se orienta nestes conhecimentos. (p. 112)

Segundo Kunz (2001), em 1980 quando se buscava a legitimação da Educação Física junto aos planos de ensino estaduais (dentre estes, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) feitos a partir das diretrizes e do plano nacional de Educação, as secretarias encontraram a mesma caracterizada como imagem e função do esporte. A Educação Física ainda cumpria uma função biológica apoiada na velha concepção grega “*Mens sana in Corpore sano*”, concepção que fragmenta o Homem em Corpo e Alma.

Esta manifestação da Educação Física se encontra nas Diretrizes Gerais para Educação e Desporto 1980/85 de forma global, tornando difícil a dedução lógica do

que deva realmente acontecer nas aulas e no cotidiano do professor. Ficando os objetivos e o acontecimento da aula, melhor descritos nos planos estaduais.

Para Kunz (2001) é importante a inserção da Educação Física também na área de Comunicação e Expressão, algo que os planos estaduais “ensaiaram” compreendendo que a corporeidade vista na disciplina oferece melhores possibilidades para a comunicação e a expressão.

Entretanto, a utilização de movimentos corporais como capacidades expressivas e comunicativas terá real importância se elementos do mundo vivido, e especialmente do mundo do movimento do aluno, forem considerados e tematizados em aula. (KUNZ, 2001)

Embora as diretrizes e planejamentos oficiais não se refiram à tematização da cultura do movimento, em suas análises do mundo vivido da criança, o mesmo detectou um grande potencial de jogos e brincadeiras que se configuram principalmente por meio dos sentidos comunicativo e expressivo.

Como citado anteriormente a Educação Física se dá de forma muito global nas Diretrizes Nacionais possibilitando qualquer interpretação. Segundo Kunz (2001), a referência quanto ao desenvolvimento da competência social e da autonomia do aluno é praticamente nula dificultando ainda mais o trabalho dos professores, sendo que este ponto é de suma importância no desenvolvimento da relação *professor-aluno* um dos aspectos menos atendidos pelas Diretrizes.

As indicações e sugestões reduzem-se à observação do professor sobre o rendimento técnico do aluno, devendo o professor compreender seus alunos pela qualidade de suas capacidades de rendimento e trabalhar de acordo com as mesmas.

Para Kunz (2001, p.128) :

Mais contraditória ainda é a concepção de ensino, que exige, de um lado, que o professor desenvolva um grande número de modalidades esportivas no sentido do treinamento esportivo, e por outro lado, que o mesmo deve adotar um processo de ensino-aprendizagem que respeite os interesses individuais e as pré-condições dos alunos no sentido de que todos tenham as mesmas chances de êxito na participação das aulas.

Levando em consideração as pré-condições dos alunos além de dificultar o trabalho do professor, torna-se muito difícil equilibrar esta relação *professor-aluno*. Ficando a seu ver nenhuma indicação ou esclarecimento de como deveriam ser tematizadas em aula as funções totalmente contraditórias. Tendo-se a impressão

que o simples fato de substituir o técnico por um professor a função sócio-educacional se desenvolverá de forma automática.

De acordo com Kunz (2001), a educação veio evoluindo ao longo dos anos e a palavra “Mudança” tornando-se quase uma palavra de ordem nas instituições com profissionais críticos trabalhando, mesmo que não superem um nível crítico-teórico.

Para Kunz (2001) na Educação Física as mudanças vieram a partir do início dos anos 70, com um aumento na formação de profissionais na área, tomando espaço e substituindo o profissional militar e ex-atletas.

Um destes avanços foi a entrada da Educação Física no ensino de 1ª à 4ª série o que as diretrizes não permitiam, alegando que o professor de Educação Física não estava preparado para trabalhar com crianças desta idade, sendo que seus conhecimentos eram oriundos basicamente do treinamento esportivo. A própria legislação não permitia treinamento de crianças menores que dez anos ou abaixo da 5ª série.

Esta inserção se deu por meio da psicomotricidade, que embora tenha sido introduzida nas escolas, não garantiu uma mudança na concepção de Educação Física.

Para Kunz (2001) a concretização com prioridade dos aspectos sócio-educacionais se dará após uma reflexão inicial com relação ao que deve ser o objetivo de ensino-aprendizagem da Educação Física, enquanto mediador do desenvolvimento sócio-educacional do educando.

O que de fato precisa-se é uma mudança no conceito de educação, por meio de uma concepção emancipadora.

Tem-se fixada a muito tempo uma concepção que Freire intitula de “bancária” na qual o educador que “tudo sabe” em lugar de comunicação faz comunicados, depósitos aos alunos que “nada sabem”, manifestando assim a função domesticadora dos homens.

Segundo Kunz (2001) um processo de ensino que procure conduzir à libertação, inicialmente tem que procurar interpretar e mudar esta relação. O mesmo afirma que isto só será possível na concepção “Freiriana”, por meio de um processo de ensino “dialógico, crítico e problematizador”.

Freire (2006) afirmou que para que de fato existam mudanças tal concepção não deve em hipótese alguma deixar de ser práxis, sendo que quando se mantém somente no discurso a “palavra” deixa de ser libertadora, tornando-se alienante.

Segundo Kunz (2001) para a realização da “Ação Comunicativa” no processo educacional e sua legitimação é preciso que o “Contexto Social” também seja analisado. O mesmo cita Freire (1974) que identificou uma “Sociedade Fechada”, à qual corresponde uma “cultura do silêncio”, que se caracteriza pela reduzida possibilidade de expressão como pelo próprio “medo da liberdade” de seus integrantes.

O mesmo afirma que para superação desta sociedade é necessário uma leitura crítica da Realidade Social, que no campo pedagógico é possível pelo processo dialético da Ação Comunicativa entre professor/aluno, na medida que a compreensão de mundo destes, passa a ser analisada e entendida como objeto de conhecimento da ação educativa.

De acordo com Kunz (2001) a Educação Física tem muita dificuldade em conscientizar os alunos de suas condições de poderem entender e mudar a realidade do esporte normatizado/de competição para uma aproximação maior com à realidade de seu Mundo Vivido e respectivo Mundo de Movimento. A maior destas dificuldades é que o Esporte Normatizado tem envolvimento com a totalidade do contexto social. Não é apenas transmitido pelo sistema educacional “bancário”, na escola, mas ele se faz presente também nas mais diferentes instâncias da sociedade, como por exemplo, os meios de comunicação em massa.

Kunz (2001) afirma que para superar esta situação e observar a realidade a partir de diferentes perspectivas uma das primeiras mudanças que devem ocorrer é na relação professor/aluno. Ou seja, quando ela se der de maneira horizontal.

Segundo Kunz (2001) se espera que pelo ensino de movimentos, jogos e esportes, o aluno também aprenda e “decifre”, além da realidade esportiva, o próprio contexto social em que ela se realiza. Trata-se de resgatar o sujeito na relação dialógica com o mundo, pelo Se-Movimentar. Trata-se de desenvolver ações conjuntas de professores e alunos, com vistas à transformação do mundo vivido e respectivo mundo do movimento, para nele serem realmente reconhecidos como sujeitos.

Os alunos devem receber a chance de se tornar sujeitos das suas próprias experiências de movimentos. O que só será possível de acontecer quando houver uma melhor compreensão de todo contexto, o mundo do movimento, o mundo dos esportes normatizados, bem como suas relações no âmbito das dimensões políticas,

econômicas e sociais. Aprender a ler a realidade do contexto esportivo e com isso desenvolver sua autonomia no agir e pensar, afirma KUNZ (2001).

Nas chamadas ciências naturais o movimento humano tem sentido simples e objetivo, prevalecendo o conceito da biomecânica, descrito assim como o deslocamento do corpo ou de partes deste em um tempo e espaço determinado. KUNZ (2001)

No entanto, há teorias que procuram interpretar este movimento de maneira “integral”, visto assim como uma das formas de entendimento e compreensão do homem em relação ao seu contexto de relações, seu mundo.

Movimento é, assim, uma “ação em que um sujeito, pelo seu ‘se movimentar’, se introduz no mundo de forma dinâmica e através desta ação percebe e realiza os sentidos/significados em e para o seu meio” (TREBELS, apud KUNZ, 2001 p. 163).

A Educação Física por meio de instalações esportivas, normatizadas e até mesmo pelos próprios professores que necessitam destas instalações, por não encontrarem condições de tematizar/viabilizar a Educação Física escolar sem a utilização das mesmas, introduz no interior das escolas os princípios básicos do esporte normatizado: “Sobrepunção” e “Comparações Objetivas”, estes anteriormente comentados.

Para Kunz (2001) esta forma do ensino do Movimento Humano por meio de uma concepção do esporte talvez pudesse ser superada se interpretássemos o Movimento Humano em uma concepção mais ampla de fenômeno Antropológico, Sócio-Cultural e Histórico.

O mesmo afirma que o Movimento Humano consiste de experiências significativas e individuais, onde pelo seu Se-movimentar o Indivíduo realiza sempre um contato e um confronto com o mundo material e social e consigo mesmo. O que segundo ele, Tamboer (1985) em acordo com Gordjin, denominou esta relação Homem-Mundo via Movimento como “contato dialógico”.

[...] Aqui, o Movimento Humano é determinado e condicionado, de um lado, pela própria prática que se realiza, seja nos esportes, brincadeiras e jogos, ou pelo simples se movimentar; e por outro lado, pelo Contexto Social em que estas práticas se realizam. (KUNZ, 2001 p. 165).

Em síntese, Kunz (2001) dispõe ao Movimento alguns sentidos/significados mais amplos que o fenômeno físico.

O *Comparativo* segue a regra dos esportes normatizados cujo objetivo é a vitória, o rendimento e a competição. O que se “dissolve” no sentido *Explorativo em que* não se tem a intenção de melhorar o rendimento e sim explorar novas formas de movimentos e jogos. O sentido *Produtivo* perde espaço na Educação Física por manifestar-se especialmente na produção de obras e objetos de valor utilitário, e a mesma utiliza na sua grande maioria na construção de materiais normatizados. O sentido *Comunicativo* manifesta-se nas ações/gestos humanos com a finalidade de expressar alguma intenção. Pode estar presente no cotidiano, nas saudações, nos jogos coletivos, tendo sua intensidade maior na dança. Como um complemento ao comunicativo tem-se o sentido *Expressivo*, que manifesta as emoções, os sentimentos e as impressões.

Como perspectiva de mudanças, Kunz (2001) afirma que a Concepção de Educação Física deve iniciar sua mudança em seus elementos básicos como o esporte, o movimento, o processo de ensino aprendizagem e a relação que estes mantêm com a globalidade do Contexto Sócio-cultural. Para mudar é necessário compreender de forma diferente a realidade imposta.

É preciso mudanças além das mudanças na concepção de conteúdos. Isto significa que ao lado da questão do “o que” ensinar deva ser colocado também o “como” ensinar o movimento na Educação Física. Isto deve vir de uma reflexão de “por quê” e “para quem” ensinar. Que competência queremos que os alunos adquiram e por quê? Estando estas questões ligadas diretamente com o Contexto Sócio-cultural da Situação de Ensino. (KUNZ, 2001)

Kunz (2001) afirma que neste sentido, o ensino da Educação Física deverá permitir uma “temática aberta” em relação aos seus conteúdos, para que não só as experiências extra-escolares das crianças encontrem espaço na aula, como os esportes normatizados como uma práxis social de conteúdo modificado possa ser tematizado.

Mudando esta concepção de ensino-aprendizagem, para uma concepção aberta às experiências dos alunos, com uma prática pedagógica concretizada na “Ação-Reflexão”, que compreende o ensino como uma “Ação-comunicativa”, significa também que nas aulas os alunos possam, por exemplo, reconhecer por si suas possibilidades de atuar, que eles mesmos possam de acordo com suas condições, estabelecer e definir de forma responsável as situações e o desenrolar dos movimentos. (KUNZ, 2001).

## CONCLUSÃO

Com base neste estudo, conclui-se que a realidade social não está afixada em locais e sim em pessoas e por isso encontra-se em constantes confrontos e mudanças.

A necessidade de se compreender no mundo se faz muito importante tanto na vida do aluno quanto na vida do professor. Ambos podem estar aprisionados a um mundo fatalista e apenas vendo as “correntes” de formas diferentes. Mais que uma leitura, se faz necessária também uma aproximação com a realidade, a fim de almejar uma libertação “verdadeira”. O professor precisa cuidar de si, para poder ajudar ao aluno.

Os professores precisam todos os dias refletir sobre o que representam em suas vidas e nas vidas de seus alunos, o que podem e o que fazem no seu dia a dia com e para eles, em que mundo vivem e que mundo pretendem construir. O que se quer não pode estar muito distante do que se é, e o que se faz.

Mais que de conhecimento as pessoas precisam das outras pessoas, Freire afirma que para libertar os homens é preciso amar os homens e acreditar nos homens, e o mundo social é uma criação humana.

A história ainda está sendo escrita, dia após dia, e é da nossa natureza participar dela, mesmo que se seja contra é inevitável que todos os dias se participe da história, seja de forma produtiva ou improdutiva, mas sempre participativa, estar em “cima do muro” traz sempre duas possibilidades de queda.

A sociedade sobrecarregou a escola e a escola está queimando etapas e indo por caminhos difíceis na busca incessante de encontrar soluções a problemas alheios, encontrar a estabilidade no ambiente escolar e inconscientemente perdendo força em meio ao contexto social.

Antes de se promover mudanças é preciso primeiro ter a “vontade” de mudar, que para Freire é o combustível mais valioso para as pessoas. A padronização e a busca por um modelo de vida está sufocando os profissionais da educação, fazendo com que os mesmos percam esta vontade e inconscientemente não permitam que seus alunos a conheçam.

De alguns anos pra cá a palavra mudança tornou-se palavra de ordem como coloca Kunz. Ateve-se tanto nisso que as pessoas, a educação, a sociedade se perderam no tempo e não perceberam que o mundo já esta mudando, o que não

está sendo compreendido é que mudanças estão acontecendo. O que ainda devemos mudar. O que queremos mudar. Para quem e o que queremos mudar.

Concentrou-se tanta atenção sob a busca por uma mudança e soluções exatas e práticas para a sociedade, o comportamento dos alunos, a estrutura das escolas, etc. que ficou esquecido o ato de pensar, refletir e de compreender o mundo em que vivemos e o que para ele queremos.

A educação se atém tanto no que quer fazer, e não percebe o que de fato está fazendo, mas isso já está mudando, com novos profissionais que pensam de forma diferente, que pretendem algo diferente dentro das escolas. A própria Educação Física vem se redescobrando, ampliando-se, evoluindo e assumindo responsabilidades em meio à comunidade escolar. Quando se compreende como ser participativo do mundo, e compreende a sua realidade, o aluno e o professor já estão conquistando mudanças. A aula de Educação Física deve ser mais que uma vivência, uma exploração. É preciso que o pensar venha antes do agir.

Para que a ação modificadora aconteça é necessário mudar a maneira de compreender a realidade imposta. Observando por outro ponto, a falta de padrões pedagógicos e a ausência de livro didático (que podem aprisionar professor e aluno, com sua má utilização), constituem a Educação Física um ambiente acolhedor ao diálogo horizontal que Freire refere-se em “Pedagogia do Oprimido”. Permite espaço e tempo pedagógico para que professor e alunos interajam, descubram-se e se redescubram no desenrolar dos movimentos e palavras. Ao desenvolver ações conjuntas professores e alunos, com vistas à transformação do mundo vivido e respectivo mundo do movimento, podem nele serem realmente reconhecidos como sujeitos. Sujeitos na relação dialógica com o mundo pelo se-movimentar.

Por meio do ensino “dialógico, crítico e problematizador” e uma “ação-comunicativa” a Educação Física pode permitir aos alunos, por exemplo, reconhecer por si suas possibilidades de atuar, de acordo com suas condições, estabelecendo e definindo de forma responsável as situações e o desenrolar dos movimentos.

Compreendendo o Movimento Humano como experiências significativas e individuais, onde pelo seu se-movimentar o Indivíduo realiza sempre um contato e um confronto com o mundo material, social e consigo mesmo.

A Educação Física precisa se compreender e a escola precisa de aproximação com os alunos e com suas realidades, para que a educação se efetive. Não é tempo de mudança, é tempo de leitura.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas**. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Importância do Ato de Ler**. 49 ed. São Paulo, Cortez, 2008.

KUNZ, Elenor. **Educação Física Ensino & Mudança**. 2 ed. Ijuí RS: Unijuí, 2001.

\_\_\_\_\_. **Transformação Didático Pedagógica do Esporte**. 7 ed. Ijuí RS: Unijuí, 2006 .

MACHADO, João Luis de Almeida – **O que é Educação?** Reflexões necessárias sobre essa nobre área de atuação, disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=781> – acessado em 22 de Novembro de 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

TONET, Ivo. **Educação e Formação Humana**. Maceió: Agosto de 2006.